

O “ideário” feminista nas páginas de *Nós Mulheres*, *Mulherio* e *Persona* nos anos de 1974 a 1986

Maria Cristina de O. Athayde, UFSC
macrioatha@hotmail.com

A emancipação da mulher, para mim, não quer dizer que queremos tomar o lugar do homem, ser homens ou concorrer com eles. (...) Queremos ser dignamente emancipadas. Queremos viver num mundo melhor, sem insegurança e violência. Para o progresso. Mulheres e homens juntos, livres, emancipados, sem neuroses. Uma emancipação cultural, econômica e sexual. O poder de escolha em nosso País.
*Norma Benguel*¹

A citação acima, da atriz brasileira Norma Benguel é exemplar para se pensar o momento vivido, o contexto histórico-social e político daqueles anos da década de 1970 e 1980. As mulheres sul-americanas, as européias e as norte-americanas estavam, em grande parte, vivenciando mudanças significativas em seu modo de viver e de ser.

O ressurgimento do movimento feminista, comumente denominado como “Segunda Onda”,² balançou significativamente com as estruturas das relações familiares quando questionava valores até então pensados como “direitos adquiridos” e “inalienantes” dos homens e de uma sociedade “patriarcal”. As mulheres saíam às ruas das grandes cidades para lutar por seus direitos em relação ao corpo e ao direito prazer, bem como para lutar lado a lado pelo direito de outras “minorias” como os negros e os homossexuais.³

Palavras de ordem e expressões como: “O prazer sem limites”, “É proibido proibir” e “Quanto mais faço amor, mais tenho vontade de fazer a revolução” se misturavam e se confundiam

¹Cartas. *Nós Mulheres*, n.º 6, agosto / set. 1977, p. 14. São Paulo. Acervo Edgard Leuenroth.

² O movimento feminista denominado de “Segunda Onda”, que surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, tinha entre suas reivindicações o direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado. Enquanto que, o feminismo de “Primeira Onda” “esteve centrado principalmente na reivindicação de direitos políticos – como o de votar e ser eleita”. In: PEDRO, Joana Maria. *Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noidonne* – Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80. In: WOLFF, Cristina Scheibe, FÁVERI, Marlene de e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007. Um dos estudos mais instigantes sobre o movimento feminista da “Primeira Onda” ou sufragista é o da historiadora norte-americana Joan W. Scott “*A Cidadã Paradoxal*”.

³ Juliet Mitchell, em *La condición de la mujer*, destaca que ao se estudar o período histórico em que surgiu o movimento feminista [aqui a autora refere-se ao feminismo que comumente é denominado de “Segunda Onda”] “tenemos que considerar los movimientos radicales o revolucionários contemporâneos com los que se encuentra aliado, o de los que se ramifico: El movimiento estudiantil, el Poder Negro, la resistência al alistamiento, los grupos sectários ya existentes y los grupos femeninos reformistas, así como las luchas de Tercer Mundo. Tenemos que considerar la condición específica de la mujer durante la década que produjo la revuelta.”. In: MITCHELL, Juliet. *La condición de la mujer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977, p. 11-12.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

em passeatas onde se combinavam ativistas feministas, líderes anti-racistas, hippies, dentre outros. Todo um novo pensamento estava surgindo, nesse período pós-guerra.⁴

Países como a Argentina e o Brasil, dentre outros sul-americanos, acompanharam toda essa movimentação social e cultural. E como todas essas “idéias” chegaram até a nossa “terra brasilis” e a vizinha Argentina. De que maneira essa “agitação” toda foi apresentada às leitoras e leitores dos periódicos feministas nesses dois países latino-americanos?

Neste artigo, apresentarei como os periódicos feministas Nós Mulheres, Mulherio e Persona divulgaram e repercutiram em suas páginas as manifestações relacionadas ao movimento feminista e ao movimento de libertação das mulheres.

Neste trabalho estou pensando o feminismo dividido em duas grandes ondas, enquanto um movimento social que viveu momentos de alcance mundial. O movimento feminista é pensado como um movimento social que teve momentos de alcance mundial onde conquistas foram efetivamente obtidas e momentos de estagnação, sendo por isso dividido em ondas. A primeira onda, a do movimento sufragista teve seu ápice no final do século XIX e primeira metade do século XX. Conquistas foram efetivamente obtidas como o direito de votar e ser votada – a “primeira onda” – e com a reivindicação do direito ao corpo e ao prazer – a “segunda onda”.

O pesquisador Stuart Hall nos apresenta o feminismo como uns dos cinco eventos responsáveis pelo descentramento do sujeito universal do Iluminismo que resultou em identidades abertas contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno. O movimento feminista como um todo pugnava pela quebra na separação entre o público e privado, tendo como um dos slogans “O pessoal é político”. Dentro deste contexto várias questões foram sendo postas em discussão como o direito ao corpo e ao próprio prazer.

Em cena, nos anos sessenta havia novos atores e ou sujeitos históricos e políticos, dentre eles conforme Yasmine Ergas o “sujeito mulher”⁵ que juntamente com os negros e outras “minorias” reivindicavam a ampliação de direitos políticos, sociais e econômicos.

⁴ Segundo Jean Claude Guillebaud, “um imenso frêmito libertário atravessou, de 1964 a 1973, todas as sociedades industrializadas. Do Japão à Califórnia, da velha Europa à jovem América, uma mesma insurreição contra a autoridade, a proibição, a repressão, o pessimismo carnal mobilizaram a juventude contra a “ordem antiga”, subitamente tornada insuportável.” GUILLEBAUD, Jean-Claude. A tirania do prazer. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 44. Esta mesma visão é percebida por Pascal Bruckner que pontua “Paris era a vanguarda, oásis de liberdade, em uma França que estava mais fácil de viver, mas ainda era prisioneira dos velhos preconceitos.” E ainda, “A sexualidade estava agora incluída num movimento que buscava fabricar um mundo novo, onde o sujeito amoroso podia se imaginar vagueando entre seus desejos sem freios nem penalidades.” Bruckner, apud, NECKEL, Roselane. A “revolução sexual” e o prazer. In: _____. Pública vida íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979). Tese (Doutorado em História). PUC: São Paulo, 2004, p. 145.

⁵ ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980 In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebrasil, 1995, p.583-611.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

A historiadora francesa Françoise Thébaud nos mostra que o “feminismo é plural, marcado por conflitos de atribuição e debates internos, ligado, apesar da sua vontade de universalidade, a contextos políticos nacionais.”⁶ Essa afirmação pode ser verificada ao se observar o momento histórico vivido pelo movimento feminista no Brasil e na Argentina, países objetos de estudos nesta presente dissertação, como também em outros países.

E como era mostrado as (aos) leitoras (es) desses periódicos feministas o protagonismo das militantes feministas?⁷ Aqui não estarei retratando as primeiras feministas, as sufragistas norte-americanas, francesas e ou as brasileiras. Este estudo é dedicado a perceber como as militantes feministas repercutiam em seus escritos, mais especificamente nos periódicos feministas Nós Mulheres⁸ e Mulherio⁹ (editados no Brasil) e Persona¹⁰ (publicado na Argentina), o movimento feminista da “Segunda Onda”. Entendendo esses periódicos, quiçá suas editoras, colaboradoras e demais participantes na elaboração dos respectivos periódicos, estarei focalizando-os como “redes-chave” na divulgação e difusão de uma consciência feminista e de um feminismo popular. Esse será o foco desse primeiro capítulo.

A pesquisadora norte-americana Amy Farrell, utiliza-se do conceito de “redes-chave” ao problematizar a revista *Ms.* como alimentadora e promotora da conscientização feminina, oferecendo “uma conexão vital para centenas de milhares de mulheres”¹¹. Em sua análise Farrell também lança um olhar sobre o lugar ocupado pelas editoras e redatoras da *Ms.* que, em sua opinião, “validaram e ajudaram a promover o movimento feminista”.¹² O conceito de “redes-chave” é tomado de empréstimo de Mary Fainsod Katzenstein. Katzenstein, ao estudar os movimentos feministas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, argumentou que os estudiosos devem ““identificar as múltiplas redes através das quais a consciência feminista é alimentada e a militância promovida””.¹³

⁶ THÉBAUD, Françoise. Introdução. In: ARIES, Philippe e DUBY, Georges. Historia da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 547.

⁷ Pode-se citar dentre estudos que retratam o protagonismo e ou a inserção das mulheres nos espaços públicos os livros de Joan Scott A Cidadã Paradoxal e de Natalie Zemon Davis em Nas Margens: três mulheres do século XVII. Mas nunca como antes, após os anos de 1960, as mulheres estiveram tão presentes e atuantes em todas as esferas da vida pública e privada.

⁸ O periódico Nós Mulheres foi fundado em 1976 e circulou até 1978. Foi publicado sob a responsabilidade da “Associação de Mulheres” de São Paulo.

⁹ O periódico Mulherio circulou de 1981 a 1988.

¹⁰ O periódico Persona foi fundado em 1974 e com algumas interrupções circulou até fins da década de 1980.

¹¹ FARRELL, Amy E. Introdução. In: _____. A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular. São Paulo: Editora Barracuda, 2004, p. 14.

¹² FARRELL, Amy E. Introdução. In: _____. A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular. São Paulo: Editora Barracuda, 2004, p. 16.

¹³ FARRELL, Amy E. Introdução. In: _____. A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular. São Paulo: Editora Barracuda, 2004, p. 16.

1.2 Capas

Na capa da primeira edição do *Persona* vê-se estampada uma imagem de uma mulher que segundo as editoras *entre la multitud que puebla nuestra calles se distingue la figura de una nueva mujer. Decidida, estudiosa y trabajadora, ella avanza hacia el porvenir liberada de tabúes y prejuicios, y con la seguridad de ser una PERSONA*¹⁴

A capa dá exemplo emblemático de como seria essa “nova” mulher que estava em busca da sua individualidade e, por conseguinte de ser uma pessoa ou persona. É interessante observar quais as características que deviam compor essa pessoa: ser decidida, estudiosa, trabalhadora e livre de tabus e preconceitos. Características essas pensadas como “masculinas”. Logo abaixo do título do periódico, vê-se a expressão: *Movimiento de Liberación Femenina*. Movimento este formado na Argentina em 1972 nos moldes e fundamentos similares aos movimentos feministas surgidos na Europa e nos Estados Unidos na década de sessenta do século vinte.¹⁵ As primeiras páginas são dedicadas a explicar o porquê do nome *Persona* e o seu significado, assim como, do objetivo do periódico. Encontraremos questões parecidas nos periódicos brasileiros aqui estudados.

O periódico *Nós Mulheres*, em sua primeira edição, estampava em sua capa a seguinte frase “Quem somos?”¹⁶. A capa, uma montagem, retratava a imagem de mulheres brasileiras em diferentes atividades como a de gari e copeira, dentre outras. Como que para ressaltar a diversidade da formação étnica e social brasileira trazia imagens de mulheres índias, negras e brancas de várias gerações e de várias classes sociais. Entretanto, o que pairava como uma presença onipresente era uma “bunda” dentro de um biquíni, ou seja, a região glútea de uma figura de mulher e os seios desnudos de outra figura de mulher.

Pode-se inferir que a utilização da “bunda” e dos seios tem um que de ironia, já que parte do movimento feminista de então era totalmente contrária a exploração da mulher, ou seja, a utilização

¹⁴ *Persona*. Outubro, ano I, nº. 1, p. 1, outubro 1975, p. 1. Buenos Aires. Acervo CIM (grifo autora). “Entre a multidão que povoa nossas ruas se destaca a figura de uma nova mulher. Decidida, estudiosa e trabalhadora, ela se dirige a um futuro livre de tabus e preconceitos e com a segurança de ser uma PERSONA” (tradução livre).

¹⁵ Um dos primeiros movimentos de liberação da mulher foi o norte-americano Women’s Liberation Movement surgido na década de 60 e que deu origem, pouco depois, aos movimentos similares surgidos em vários países europeus. Conforme Anette Goldberg Velasco e Cruz maio de 1968 “abriu um período de germinação para o ressurgimento das lutas de mulheres na França”. Em outubro de 1968, a partir de seminário de psicanálise, nasceu o grupo *Psychanalyse et Politique* (Psicanálise e Política) que “configurará uma das tendências do MLF francês”. Mas foi em agosto de 1970 com a prisão de manifestantes francesas, que haviam colocado uma coroa de flores no monumento do Arco do Triunfo, com a inscrição “em honra à mulher ainda mais desconhecida do soldado desconhecido”, é que o movimento ficou conhecido. “a imprensa noticiou o fato no dia seguinte, batizando o grupo de *Mouvement des Libération des Femmes* (MLF)”. A autora em seu artigo descreve a trajetória dos movimentos de libertação da mulher na França e na Itália, de 1970 a 1980. Na Itália, descreve a trajetória do MLD (Movimento di Liberazione delle Donne). In: CRUZ, Anette G. V. Os movimentos de liberação da mulher na França e na Itália (1970-1980): os primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil. In: LUZ, Madel T. (org.). *O Lugar da Mulher*: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 40-47.

¹⁶ Além do título do jornal “Nós, mulheres”, a vírgula não estará presente nos números posteriores.

do corpo da mulher como objeto de consumo. Assim como da utilização do corpo da mulher na publicidade. Essas questões serão abordadas no capítulo 3.

Refletindo, sobre essas duas imagens que estampavam as capas dos periódicos, pode-se inferir a qual público era destinado as publicações. De um lado – como pode ser visto acima – a imagem de uma mulher nova, bonita, decidida, elegantemente vestida à européia¹⁷. E de outro lado, a edição de nº. 1 do Nós Mulheres estampava em sua capa um desenho caricaturizado de imagens variadas de mulheres como já referenciado anteriormente.

Das edições que pesquisei apenas as três iniciais do Persona estampavam uma imagem na capa e que essa política de não ter imagens pode ser reflexo da dificuldade em se manter um periódico feminista.

A minha intenção em analisar sucintamente as capas das edições inaugurais dos periódicos é a de demonstrar que essas imagens indicam uma provável intenção que era traduzida nos artigos escritos e ou reproduzidos no interior do periódico. Não sendo oportuno neste estudo uma análise profunda das capas dos periódicos, o que significaria outra pesquisa. As capas são importantes para pensarmos as estratégias de atrair leitores, elas têm e tinham esta função, entre outras, como nos mostra a historiadora Maria Teresa Santos Cunha em seu estudo Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly¹⁸, no qual dedica um capítulo a análise das capas dos livros publicados no Brasil pela Biblioteca das Moças. A autora, apoiada nos estudos de pesquisadores como Roger Chartier, mostra que:

As imagens que estampam as capas dos livros podem ser decifradas como um conjunto de signos, como um suporte para representações ideológicas; a linguagem das disposições tipográficas pode dar uma organização mais ou menos clara à leitura. Isso nunca escapa aos leitores...¹⁹

Partindo dessa constatação, tenho a expectativa de que um estudo, ainda que breve, das capas possa ajudar a compreender como as idéias feministas ganhavam visibilidade nesses periódicos.

É possível inferir que o periódico brasileiro Nós Mulheres era destinado e objetivava atingir um número maior de leitoras e leitores de todas as classes sociais e às mulheres em suas mais variadas profissões, atividades, idades, raças e orientação sexual. Não pretendendo ser percebido apenas como um periódico feminista, mas também como um formador de opinião e divulgador das idéias e demandas do movimento feministas. E tendo em mente que almejavam a uma conquista

¹⁷ O lançamento da edição de nº. 1 data de outubro, em plena primavera.

¹⁸ CUNHA, Maria Teresa Santos. Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

¹⁹ CUNHA, Maria Teresa Santos. Em primeiras cerimônias de apropriação de capas, de títulos, de letras. In: _____. Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 51.

maior: “a libertação da opressão de todos os trabalhadores e de todas as mulheres”. Salientando que essa publicação era produzida por mulheres brancas, intelectualizadas e militantes políticas de esquerda. Enquanto que, o *Persona* aparentemente estava endereçado a um público leitor mais intelectualizado e a quem eram destinados artigos academicamente mais elaborados e de ativistas feministas como Kate Millet e Susan Sontag, dentre outras. Kate Millet figurava como colaborada no número 3, de dezembro de 1974. Além dessa colaboração²⁰, outros dois artigos de Kate Millet foram publicados no *Persona*.²¹ O que pode denotar uma relação muito próxima com as demandas do feminismo radical, referenciadas anteriormente. Entretanto, como que para mostrar o “sujeito” múltiplo que compunha e compõe o movimento feminista, outras figuras emblemáticas como Simone de Beauvoir e Betty Friedan são citadas. Alguns trechos dos livros *O Segundo Sexo*²² e *A Mística Feminina*²³ são citados em diversos artigos. Uma peculiaridade do *Persona*, presente nos três primeiros exemplares analisados, era a citação em forma de epígrafe, que por vezes, ocupava uma página inteira da revista e estavam listadas ao final de um artigo.

Persona, mesmo sendo entendido como um periódico feminista de orientação radical abria espaço para citações de autoras como as mencionadas acima, que claramente tinham uma orientação que não era a do feminismo radical. Betty Friedan era e é pensada como uma feminista liberal, assim como Simone de Beauvoir é igualitarista.

A primeira edição do *Mulherio*, que foi publicado em 1981, foi considerado pelas editoras apenas como um “folheto” e que teve uma repercussão considerável. Não trazia nenhuma imagem em sua capa e sim os objetivos do jornal e o porquê do nome “Mulherio”. Tema esse também retratado nos outros dois periódicos estudados e que será abordado mais a frente.

O número zero do *Mulherio* era mais uma carta de intenções, um “lay-out” do que propriamente um exemplar do periódico. A intenção era ter um periódico com 16 páginas,²⁴ que traria “sempre um artigo de fundo, de análise, abordando um tema polêmico, (...). Várias reportagens e notas curtas abordarão a mulher no Brasil e no mundo”.²⁵ Bem como, uma seção dedicada a dar visibilidade às pesquisas, teses e outros estudos sobre “a mulher”. Teria um espaço para os grupos feministas e femininos divulgarem suas atividades. E em relação a área cultural, o

²⁰ “La fuerza del patriarcado”, no nº.3, ano 1, dez. 1974, p. 15-17.

²¹ “La cultura sexista” no nº.1, ano 1, out. 1974, p. 14-17 e “De lo economico y educacional”, no nº.2, ano 1, nov. 1974, p. 7-8. O artigo publicado na edição de nº. 2 era excerto do capítulo II de seu livro *Política Sexual*.

²² O livro *O Segundo Sexo* foi publicado na França em 1949 e é entendido como o precursor do movimento feminista conhecido como “Segunda Onda”.

²³ *A Mística Feminina*, lançada em 1963 nos Estados Unidos da América

²⁴ A partir da edição de número 2, o número de páginas passou para 24 e manteve-se assim em todos os exemplares pesquisados.

²⁵ BORGES, Adélia. *Mulherio*. Ano 1, nº. 0, março-abril 1981, capa. São Paulo. Acervo NIGS/UFSC.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

lançamento de livros, filmes, programas de televisão e de peças teatrais seria acompanhado com resenhas e críticas.

Num primeiro olhar, a estrutura dos três periódicos é muito parecida. No Mulherio, como vimos, a organização das seções do periódico foi claramente explicitada pelo editorial. O Nós Mulheres e o Persona seguem uma estrutura semelhante. Artigos de fundo, seções de livros, de atualidades. Mas, também, está muito perceptível as diferenças entre esses periódicos. No Persona, até por ter um número de maior de páginas que os demais, observa-se uma quantidade mais expressiva de artigos que debatiam questões relacionadas ao movimento feminista, movimento de libertação da mulher e patriarcado, dentre outros temas. Disso, poderíamos concluir que este periódico almejava ter como público alvo uma leitora e um leitor mais intelectualizado dado ao estilo da escrita dos artigos que veiculou, que tinham, aliás, uma clara intenção de divulgar o momento feminista como um todo. Cabe destacar, que nos primeiros exemplares do Persona as questões relacionadas à sexualidade e ao direito de escolha estavam quase que invisíveis. Mesmo mudando de país e de periódico, a situação não será mais favorável à divulgação das demandas relacionadas à sexualidade no Nós Mulheres. Percebo que as questões pertinentes à sexualidade, corpo e prazer terão um espaço um pouco maior, ou seja, ganharam uma maior visibilidade no periódico Mulherio.